

DISCURSO DIRETORA DO IB DA UFRJ NA FESTA DO 40º ANIVERSÁRIO, 2008

É com alegria e emoção que estou hoje aqui para fazer um breve resumo da nossa história. Começo pela criação do IB. O Instituto de Biologia tem início no Departamento de História Natural da Faculdade de Filosofia, onde existiam três grupos de trabalho, sendo de botânica, de genética e de zoologia.

A finalidade do Departamento de História Natural era formar professores de biologia para o curso secundário - o ginásio e o científico da época. Dois desses grupos tinham estrutura de pesquisa: um de Genética, que tinha um grupo de pesquisa relativamente forte; e outro de Zoologia, onde existia o centro de estudos em Zoologia, que teria hoje 70 anos, e o da Botânica, que não tinha uma estrutura de pesquisa.

Em 1968, em plena ditadura militar (1964-1985), e quando esta se torna mais reacionária, mais forte e mais repressiva, surge à idéia de acabar com a Faculdade Nacional de Filosofia, que era um centro de resistência estudantil contra o regime militar. Desta forma desmembrou-se a faculdade em vários institutos.

Assim, a Faculdade Nacional de Filosofia é a origem do Instituto de Biologia e de outras unidades atuais da UFRJ, como a Física, Química, Matemática, Geografia, História e Letras.

A Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia, realizada no dia 11 de julho de 1968 e presidida pelo reitor Raimundo Moniz de Aragão, nomeia o professor Antônio Geraldo Lagden Cavalcanti, diretor *pro tempore* do Instituto de Biologia. Naquela reunião estavam presentes os professores Aluysio de Mello Leitão e Deyse Falcão, que seriam diretores do IB. O regimento foi aprovado pelo Conselho Universitário em 12/8/1971, com subordinação ao Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN).

O Instituto de Biologia, recém-criado, se estabeleceu na Praia Vermelha, e se estruturou, inicialmente, ainda em 1968, em três Departamentos, que corresponderam às Cátedras da área biológica representadas no Departamento de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia: a Genética, a Zoologia e a Botânica.

Logo adiante se constituiu a Ecologia e a Biologia Marinha. Em alguns casos, no entanto, as chefias dos Departamentos eram ocupadas por estes catedráticos, praticamente vitalícia, desocupada somente pela morte ou aposentadoria do professor em questão.

O **Departamento de Genética** vem de um núcleo coordenado pelo professor Antônio Geraldo Lagden Cavalcanti. Este professor havia participado de um curso de capacitação em Genética, oferecido na USP, por Theodosius Dobzhansky, cientista russo, pioneiro da Genética. E quando retornou, ele fortaleceu o grupo na área de genética médica e o departamento nasce com estrutura de pesquisa e vários pesquisadores.

Assim originado tinha, então, uma estrutura de pesquisa, mas pouco depois esta estrutura se ressentiu com a saída do professor Cavalcanti, que passa a ocupar a função de professor na Escola Superior de Guerra, assim como de outros professores pesquisadores.

O **Departamento de Zoologia** foi criado com a supervisão do professor Aloysio Calheiros da Graça Mello Leitão, que era catedrático no CEZ - Centro de Estudos Zoológicos do Departamento de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia, e passou a ser professor catedrático de Zoologia no IB.

A Biologia Marinha também vem do Centro de Estudos Zoológicos - CEZ. A tradição do CEZ sempre foi a Zoologia Marinha. Assim, o Departamento de Zoologia tinha uma tradição de

estudar invertebrados marinhos e muitos de seus professores tinham esta especialização. Sendo assim, o professor Mello Leitão achou oportuno criar o **Departamento de Biologia Marinha**, que ficaria “a cargo” do professor Henrique Rodrigues da Costa, um de seus alunos e que havia se especializado nesta área de biologia marinha através de um curso realizado na França.

O **Departamento de Botânica** foi criado pela fusão da cátedra de Botânica da antiga Faculdade de Filosofia junto com a cadeira de Botânica da Faculdade de Farmácia. E se estruturou com um catedrático que vinha da Faculdade de Farmácia e que era um excelente taxonomista na área de botânica, professor Paulo Occhioni.

Em 1969/70, o professor Fernando Segadas-Vianna vem transferido do Museu Nacional da UFRJ, onde era Pesquisador da Parte Permanente, trazendo sua equipe, e cria o **Departamento de Ecologia**. Organiza e implanta a Modalidade Ecológica do curso de Biólogo. Segadas-Vianna havia feito pós-graduação no Canadá, com um dos maiores ecólogos vegetais da época, Pierre Dansereau, conhecido como um dos “pais da Ecologia”. Homem de conhecimento amplo, Segadas-Vianna foi um dos pioneiros nesta área no Brasil. O Departamento de Ecologia da UFRJ foi o primeiro no Brasil e, durante muitos anos, o único.

O Vestibular:

Nestes 40 anos houve mudanças significativas no Vestibular que permite o acesso de estudantes aos cursos de Ciências Biológicas, acompanhando as mudanças no número de vagas abertas, na quantidade de candidatos e na evolução da própria UFRJ.

A população cresce, a política muda, a UFRJ evolui e o número de vagas vai aumentando para atender a um número maior de candidatos às demandas da sociedade brasileira.

Antes de 1968 formaram-se pela faculdade nacional de Filosofia, no Curso de História Natural, os professores Maria Lúcia Cardoso Vasconcellos, Sérgio Henrique Gonçalves, Ricardo Iglesias Rios, Paulo César Arantes e Yocie Valentin.

Em 1968, 1969, 1970 e 1971 a entrada era anual, e não semestral, como é hoje. A relação candidato/vaga era bastante reduzida. Em 1968 eram oferecidas 100 vagas, destinadas aos dois cursos então existentes: 80 vagas para a Licenciatura em Ciências Biológicas e 20 vagas para o único Bacharelado, o de Genética. Em 1969 foram 50 vagas; em 1970, para início em 1971, foram 80 vagas para as Ciências Biológicas, sem definição *a priori* de curso, constituindo uma relação candidato vaga de 2/1.

Prestaram vestibular nesta época os professores Déia Maria Ferreira dos Santos, Francisco de Assis Esteves, Cristina Lemos Ramos, entre outros. Nesta época as provas eram discursivas de biologia, matemática, física, química e língua estrangeira, escolhida pelo candidato entre inglês, francês e espanhol. E havia um conjunto de provas orais e práticas realizadas por uma banca de professores, anteriormente constituída pelo Departamento de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia e, depois, do Instituto de Biologia. Zoologia e Botânica tinham prova oral-prática e Biologia Geral tinha prova oral.

Em 1968, o local do vestibular foi na Faculdade Nacional de Filosofia, na Av. Presidente Antônio Carlos. Para o ingresso em 1971, o local das provas escritas do vestibular já foi o Centro de Tecnologia, no Fundão. Neste ano, o professor Ricardo Iglesias Rios já fez parte da banca da prova oral de Biologia Geral.

Os professores Maria Cristina Ostrovski de Matos e Sérgio Luiz Bonecker, vestibulandos de 1974, já fizeram o vestibular através da CESGRANRIO, um vestibular que era unificado, em que o candidato fazia opções para diferentes cursos ou diferentes instituições, se desejasse ter mais chances de entrar em uma faculdade pública. As provas eram todas de múltipla escolha, o que facilitava as correções dado o grande volume de provas.

Em 1987, a UFRJ se desliga da Fundação CESGRANRIO e passa a fazer seu vestibular individualmente. Nesta mudança as provas, que antes eram de múltipla escolha, passam a ser

discursivas. Atualmente, o Instituto de Biologia tem 120 vagas no curso diurno (licenciatura e bacharelados), 80 na Licenciatura do Noturno e 60 na Licenciatura campus Macaé. Além destas são oferecidas 425 vagas no CECIREJ.

O IB na Praia Vermelha:

Com a fragmentação da Faculdade Nacional de Filosofia, o Instituto de Biologia, inicialmente, sediado no mesmo endereço da Avenida Presidente Antonio Carlos, logo vai, provisoriamente, para a Praia Vermelha, enquanto as instalações da Ilha do Fundão não ficam prontas. Lá, o IB entra no antigo prédio da Escola de Química, um prédio de seis andares, hoje ocupado pela UNIRIO, mais uma construção baixa anexa, com laboratórios. Em 1968 e 1969, as aulas ainda se dividiam entre a Praia Vermelha e a Av. Presidente Antônio Carlos.

As primeiras turmas:

Desde o início da criação do Instituto de Biologia vigorou o sistema de créditos, onde o aluno organiza a lista das disciplinas - semestrais - em que deseja se inscrever, embora os dois primeiros anos sejam constituídos das mesmas disciplinas obrigatórias para todos - o Ciclo Básico. Nestes dois primeiros anos de convívio diário, então, forjam-se amizades que têm boas chances de vigorar durante todo o curso e/ou até por toda a vida. Nos dois últimos anos, onde os interesses particulares já convergem em escolhas por um dos Ciclos Profissionais, se tem outras oportunidades de desenvolvimento de amizades duradouras. O compartilhamento é fonte de formação de laços, e isso é verdadeiro na vida universitária. Hoje, em 2008, ainda ocorrem “reuniões de turma”, desde aquelas formadas em 1968, dentro do curso de História Natural. Estas reuniões trazem a alegria do reencontro de amigos que nem sempre se vêem no dia-a-dia, alguns até morando em outros estados, mas que mantém o vínculo.

O professor Francisco de Assis Esteves foi o primeiro bacharel a se formar no Instituto de Biologia, em 1973, no curso de Biologia, na modalidade Ecologia.

Era característica destas primeiras turmas a já citada predominância de mulheres. A turma que iniciou o curso em 1971, de oitenta alunos, setenta e cinco era de mulheres.

Esta proporcionalidade de estudantes dos dois sexos é fator que flutua um pouco na história do IB. Com o passar dos anos cresceu bastante a presença de alunos do sexo masculino, mas hoje parece haver, ainda, algum predomínio das mulheres. Outra característica inicial, que depois perde força, era a presença de alguns estudantes que faziam vestibular para a Biologia como segunda opção, em função das dificuldades de se entrar na Faculdade de Medicina. Alguns, neste caso, abandonavam o curso pelo meio, insatisfeitos perante sua vocação. Mais tarde, o aumento da relação candidato/vaga no vestibular para os cursos do IB fizeram desaparecer este acontecimento.

A organização e representação estudantil no início do regime militar era muito arriscada, sendo as reuniões clandestinas. De qualquer forma, ainda na década de 70, os estudantes de Biologia no Estado da Guanabara se organizavam e, por três anos consecutivos, produziram um encontro anual, com palestras, etc. A SEBIG - Semana de Biologia da Guanabara - depois se transformou em SEBIRJ, após a fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro. Naquela década houve um encontro nacional de estudantes de Biologia realizado em Curitiba, no Paraná. A UFRJ compareceu através de vários estudantes.

A história do movimento estudantil no IB está sendo pesquisada pelo Centro Acadêmico, e sabemos que sempre foi um setor extremamente ativo, e do trabalho que vem desenvolvendo ao longo do tempo consolidaram várias atividades políticas, sociais e acadêmicas, em que podemos destacar a Biologia na Praça, a Biologia na Praia, Semana de Calouros, a Semana da Biologia.

Vinda do IB para o Fundão:

Embora localizado no bloco A do Centro de Ciências Médicas - CCM -, era vinculado, administrativamente, ao Centro de Ciências de Matemática e da Natureza - CCMN -, e assim ficou durante muito tempo, sendo a mudança para o Fundão no verão de 1972/1973.

Com um corpo docente ainda pequeno, salas ficavam vazias, e o amplo espaço do IB foi preenchido também pela presença e atividade de alunos de graduação, estagiários de iniciação científica. Nesta época houve um acordo MEC/BID que contribuiu para montar os laboratórios graças a um grande financiamento a partir deste acordo.

Por volta de 1978 foi formada uma comissão pra transferência da Faculdade de Farmácia para a Cidade Universitária. Era uma comissão mista, um componente de cada departamento do IB e representante da Farmácia. Definiu-se uma transferência temporária e, como tudo o que é temporário, virou definitiva. Assim, o Instituto de Biologia, que ocupava uma grande área, foi obrigado a se comprimir, perdendo muito de seu espaço.

Hoje, o IB está muito comprimido e aquém de suas necessidades de espaço para ensino e pesquisa, para alojar um corpo social bastante expandido, em relação a 1972. Nisto se inclui a necessidade de salas de aula, uma grande dificuldade a ser superada a cada período letivo.

ENSINO

Com a estruturação dos cinco departamentos, além do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, o IB também oferece o bacharelado diferenciado em quatro modalidades do Curso de Ciências Biológicas: Genética, Zoologia, Ecologia e Biologia Marinha. Na Botânica, só mais recentemente, em 1995, foi criado o Bacharelado em Biologia Vegetal.

O Curso Noturno de Licenciatura em Ciências Biológicas foi criado em 1993, na gestão da professora Déia Maria Ferreira dos Santos, e teve início em 1994, completando 15 anos.

A proposta do Governo Federal traria condições para tal. Tínhamos já condições materiais e área física, considerando que nosso Instituto era ocioso à noite. Faltava pessoal. Muitos docentes foram, então, contratados em função do curso noturno, embora não todos os necessários.

A primeira turma iniciou em 1994. Podemos também falar da garra desses alunos que completaram o curso dentro de todas as dificuldades de um curso pioneiro, onde nem turma de veteranos havia. Foram muito vitoriosos, porque eles ultrapassaram todos os tipos de dificuldade.

Na criação deste curso noturno, houve a preocupação de fazê-lo tal e qual o curso diurno de Licenciatura, geralmente com os mesmos professores, mesmas disciplinas, mesmos programas, e de diferente apenas o fato de ser um pouco mais longo, já que a carga horária diária era pouco menor.

INTERIORIZAÇÃO:

A Licenciatura em Ciências Biológicas oferecida no Município de Macaé, a partir de 2006, foi o primeiro curso da UFRJ instalado fora do Município do Rio de Janeiro. A primeira turma começou com 25 alunos. A criação do curso de Licenciatura no Campus Macaé da UFRJ seguiu o mesmo princípio do curso noturno no IB, isto é, fazê-lo igual ao noturno do Instituto de Biologia.

Licenciatura em Ciências Biológicas a Distância do CEDERJ – EAD:

A primeira turma teve início em 2003, dentro do consórcio de universidades CEDERJ, com a participação de outras unidades do CCS, destacando-se o Instituto de Biofísica, o Instituto de Bioquímica Médica e o Instituto de Microbiologia. Assim, como quando da criação do noturno no IB, a participação do Instituto de Biologia também gerou opiniões contrárias, em função de memórias de cursos por correspondência sempre considerados de segunda qualidade. Dada a peculiaridade de ser a Biologia uma ciência eminentemente experimental, este curso tem aulas presenciais de laboratório e de campo, com frequência mínima obrigatória, tem acompanhamento permanente, com monitores e tutores disponíveis aos alunos, podendo tirar dúvidas; há avaliações regulares. A primeira turma da Biologia da UFRJ, de 30 alunos, colou grau recentemente, em 2008.

Assim, o Instituto de Biologia vem, nos últimos quinze anos, seguindo uma política de ampliação da oferta de vagas dos cursos de formação de professores do ensino básico, através da criação do curso noturno, do curso em Macaé e da Educação à Distância.

Agora temos, além dos cinco cursos de Bacharelado, quatro cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, acessíveis a quem trabalha no Rio de Janeiro e a quem reside em outras regiões do Estado do Rio de Janeiro. Em várias destas iniciativas, o Instituto de Biologia foi pioneiro, preocupando-se em atender a uma necessidade premente de democratização do ensino superior. Se há limitações físicas e de pessoal para a ampliação de nossos cursos diurnos, achamos outras formas de fazer render mais a estrutura já existente.

O Corpo Docente:

Nestes 40 anos, o corpo docente do Instituto de Biologia mudou bastante, é claro. Mudou em quantidade e em qualidade. Não quero com isso dizer que a qualidade do corpo docente hoje é maior do que no início do IB ou mesmo da Faculdade Nacional de Filosofia. Não! É apenas diferenciada. Em todos os tempos tivemos professores portadores de grande conhecimento, de paixão e dedicação ao ensino. Em todos os tempos, o Instituto de Biologia formou profissionais conscientes e gabaritados a exercer suas funções. Alguns destes até aqui atuaram, participando da formação de outros jovens. Mesmo com poucos docentes e, destes, muito poucos com Pós-Graduação, os egressos do IB já se destacavam em funções em universidades e órgãos federais, e nas seleções para cursos de pós-graduação pelo Brasil afora. Não quero com isso também tirar o valor individual do corpo docente.

Hoje somos 80 docentes, na sua maioria doutores, nas suas diferentes áreas; mas é preciso ressaltar que inicialmente era muito pequena a oferta de cursos de Pós-Graduação e era normal que o corpo docente tivesse apenas a graduação. Ao longo deste período os professores contratados só com a graduação e, depois, os já mestres, vão complementando sua formação.

Instituto dá um salto qualitativo incrível da década de setenta pra década de noventa.

No aspecto quantitativo, não há discussão. Hoje, o corpo docente do IB é numericamente muito maior do que em seu início. Para isso muito contribuíram os dois cursos de Pós-Graduação que funcionaram como elementos impulsionadores da pesquisa e da contratação de novos docentes.

Mas, voltando à questão, ao longo destes 40 anos, com o advento dos cursos de pós-graduação, e maiores possibilidades de financiamento para a pesquisa, o professor de hoje é titulado e realiza pesquisa.

A produção científica é muito valorizada, desde o concurso de admissão, os candidatos já são selecionados em função disto e, hoje, a universidade pública já estimula um diálogo maior com a sociedade através de atividades de extensão. Alguns dos professores, então, assumem atividades deste tipo. Que são atividades bastante desenvolvidas dentro do IB.

Na nossa história, a pós-graduação é que dá início efetivamente à pesquisa. A pesquisa se estrutura e passa a ser institucionalizada através da pós-graduação.

O primeiro curso de pós-graduação que surgiu no Instituto de Biologia foi, em 1976, a pós-graduação em Genética. Até então havia os cursos de pós-graduação em Zoologia, Botânica, ambos criados em 1972, com o mestrado, e também a Genética, todos fazendo parte da Coordenação dos Cursos de PG em Biologia da UFRJ (COPOB), sediada no Museu Nacional. Logo foi também criado o mestrado em Ecologia, que teve curta duração.

Depois de certo tempo, a coordenação da Genética se separou do Museu Nacional, e constituiu uma coordenação a nível do Instituto de Biologia, sendo assim o primeiro curso estruturado e coordenado dentro do Instituto. A idéia da criação foi iniciativa da professora Deyse Falcão, que trouxe o professor Antonio Rodrigues Cordeiro do Rio Grande do sul. Ele havia estudado com Dobyzanski e, assim, criou o curso e, sob a sua supervisão, vieram sete ou oito outros professores, alguns da Argentina, dos Estados Unidos, do Chile e de outros estados do Brasil. Foi reestruturada a pós-graduação em Genética, apontando particularmente o professor Eduardo Castilla, que hoje está na Fundação Oswaldo Cruz, Mangueiras, e o professor Hector Seuánez. Hoje, o curso é consolidado, com conceito seis da Capes, e tem por coordenadora a professora Ana

Coelho Abrantes.

A criação da Pós-Graduação em Ecologia partiu da iniciativa do professor Ricardo Iglesias Rios, em 1987, ao chamar para o IB o professor Francisco de Assis Esteves, que havia feito sua pós-graduação na Alemanha, no Instituto Max-Planck (Max-Planck-Institut für Limnologie), e era professor da Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo.

O Programa de Pós-Graduação em Ecologia - PPGE-UFRJ - foi criado no Departamento de Ecologia em 1990, como curso de Mestrado, e ampliado em 1995, com a implantação do doutorado. Com o credenciamento de docentes externos ao IB, da UFRJ e fora dela, o Programa assume uma abordagem multidisciplinar e multiunidade na UFRJ. Este curso é também de excelente avaliação na Capes, atualmente com conceito seis, coordenado pelo professor Fernando Fernandez.

Atualmente, o professor Francisco Esteves está à frente do NUPEM/UFRJ e acaba de criar o novo Programa de Pós-graduação em Ciências Naturais e Desenvolvimento Sustentável, incorporando à abordagem das Ciências Naturais o componente econômico e social.

Atualmente, sob a coordenação do professor Antônio Mateo Sole Cava estamos em processo de criação de um novo programa de pós-graduação, não mais ligada a nenhum departamento e, sim, ao Instituto de Biologia, o que representa um avanço institucional na integração de docentes dos vários departamentos.

Professores dos vários Departamentos do IB se integraram nestes cursos de Pós-Graduação da Genética, Ecologia e Biotecnologia (CCS), assim como naqueles do Museu Nacional. Assim, estes cursos de Pós-Graduação foram e têm sido importantes não só na formação e aperfeiçoamento de profissionais, mas também na produção de conhecimento, a partir do Instituto de Biologia. Os departamentos cresceram, com a vinda de novos docentes que passaram a integrar estes cursos, e a produção científica do IB cresceu.

O apoio administrativo

Na chegada à Ilha do Fundão eram poucos os técnico-administrativos em educação. Na verdade eram apenas sete. E a maioria está atualmente aposentada. Atualmente, o corpo técnico e de apoio do Instituto de Biologia conta com 80 técnicos nos diferentes níveis da carreira.

Extensão no IB:

A extensão é ainda uma atividade nem sempre bem compreendida e valorizada. A própria Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, a PR5, tem lutado para a institucionalização da extensão. O IB pode dizer que já tem alguma tradição de atividades de extensão. No entanto, esta atividade ainda não está bem estruturada, como o ensino e a pesquisa.

Destacam-se nestas atividades: o Projeto Fundão, coordenado pela professora Maria Lúcia Vasconcellos e a professora Márcia Serra, da Faculdade de Educação, que está fazendo 25 anos; o NADC, criado em 1990 pelo professor Fernando Agarez, que congrega vários cursos de educação continuada, coordenado, atualmente, pela professora Cristina Nassar.

O Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Sócio-Ambiental de Macaé da Universidade Federal do Rio de Janeiro - NUPEM/UFRJ- foi criado em 1993, como uma base avançada do Instituto de Biologia no Município de Macaé, pelo professor Francisco Esteves e, que atualmente, se transformou num órgão suplementar do Centro de Ciências da Saúde – CCS, e é importante base estrutural de pesquisa e para o Ensino de Biologia no Campus de Macaé.

O NUPEM/UFRJ, através dos seus cursos de formação continuada para professores, capacitou cerca de dois mil e oitocentos professores e 15 mil alunos da rede municipal, tanto do ensino fundamental como do médio, com a participação de vários professores, em especial os professores Déia Ferreira dos Santos e Reinaldo Bozelli.

O Projeto do Núcleo da Bionativa, em Sooretama, no Espírito Santo, coordenado pela professora Irene Garay, treina e dá apoio a pequenos produtores rurais, desde 1992.

O projeto É a Vila e Capim Limão, sob a responsabilidade do Centro Acadêmico, já se encontram consolidados.

Hoje outros projetos de extensão, como os da área de Educação Ambiental, cadastrados na PR-5 e conquistando bolsas do Programa PIBEX, são desenvolvidos pela comunidade do IB. É importante destacar a nossa ação junto ao Ministério do Meio Ambiente, IBAMA, Instituto Chico Mendes, Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Rio de Janeiro e dos municípios que resultam na participação do IB, nos Conselhos Consultivos de várias unidades de Conservação e, ainda, resultou através de seu envolvimento técnico e político na criação da APA de Maricá e do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba.

Na prestação de serviços deve-se destacar a relação com a PETROBRAS, a Eletronuclear, Furnas, Vale do Rio Doce e a Mineradora Rio do NORTE. A prestação de serviço, enquanto também produtora de conhecimento, faz confundir a extensão com a pesquisa. Espera -se algum retorno à sociedade do conhecimento aqui produzido. E, a partir deste contato, serve à produção de mais conhecimento e deve também participar da formação dos estudantes.

Assim, ao completarmos 40 anos, penso ter feito, com dificuldade, uma síntese de todo o trabalho realizado por nós, das dificuldades encontradas, das vitórias que alcançamos e ainda das alegrias que compartilhamos. Tenho certeza que este momento é de comemoração e que é também de reflexão para podermos pensar quais os nossos próximos objetivos e qual o caminho que traçaremos para os próximos quarenta anos.

Dentro disso, questões como a criação do novo programa de pós-graduação; a integração cada vez maior entre pesquisadores, alunos e técnicos dos diferentes departamentos; a reforma curricular; a criação de cursos em conjunto com unidades do Centro de Ciências da Saúde; a maior integração das atividades de graduação com as atividades e pessoal dos cursos de pós-graduação, com a pesquisa e com a atuação direta na sociedade; a criação de laboratórios multiusuários; a busca da modernização e adequação da infraestrutura às nossas necessidades; a atualização e a modernização para atender as demandas da sociedade e melhorar a formação de professores; o fortalecimento da extensão para dar retorno à sociedade; o fortalecimento da pesquisa na áreas da biologia moderna e ainda nas discussões dos caminhos que levam à inovação. São desafios que vejo para o futuro em curto prazo.

Àqueles que iniciaram o processo, que já partiram ou ainda estão aqui, talvez não tivessem pensado a dimensão do que iniciaram e até onde conseguiríamos chegar, ou talvez até fizesse parte dos seus sonhos e de seus planos. No entanto tenho certeza que o trabalho de cada um construiu o coletivo. No mais só me cabe agradecer a todos pelo esforço e festejar. Muito obrigada.

Maria Fernanda Santos Quintela da Costa Nunes

Professora e diretora do Instituto de Biologia da UFRJ

Rio de Janeiro, 23 de março de 2009